

---

## Notas de campo na semana do *impeachment* no Congresso Nacional

*Fieldnotes during the week of the impeachment in Brazilian National Congress*

**Bruna Potechí**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4641>

DOI: 10.4000/pontourbe.4641

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Bruna Potechí, « Notas de campo na semana do *impeachment* no Congresso Nacional », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 17 dezembro 2018, consultado o 03 maio 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4641> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4641>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 maio 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Notas de campo na semana do *impeachment* no Congresso Nacional

*Fieldnotes during the week of the impeachment in Brazilian National Congress*

Bruna Potechí

---

## Introdução

- 1 Este relato traz cenas do meu diário de campo da semana de votação do processo de impeachment de Dilma Rousseff no Senado Federal. Esta votação acontece posterior à votação favorável ao impeachment na Câmara dos Deputados, que então encaminha o processo ao Senado Federal. Naquele momento o Senado votaria pela continuidade do processo a ser então encaminhado ao Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo afastamento de Rousseff da presidência para aguardar julgamento pelo STF. Enquanto eu pensava que o processo de impeachment poderia inviabilizar meu acesso ao interior do Congresso Nacional, eu percebo que o acesso ao interior do Congresso Nacional vai se modificando durante a semana de votação do processo de impeachment, e que o lugar onde o legislativo funcionava também vai sendo espacialmente deslocado naqueles dias. Ambas as dinâmicas, de fechamento do Congresso Nacional e de deslocamento do legislativo, acabam por exigir novos lugares de inserção da antropóloga em campo. Estes movimentos ficam evidentes nas notas que seguem do diário de campo. Mais especificamente, este artigo traz cenas de meu caderno de campo de dentro do Congresso, seus arredores e as manifestações em Brasília na semana de votação no Senado naquela terça, quarta e quinta de maio de 2016.

## Brasília e o campo

- 2 Maio de 2016. Ao chegar em Brasília eu já sabia ser aquela uma semana importante de votação no Senado Federal do processo de impeachment de Dilma Rousseff (PT). Minha maior preocupação era garantir acesso ao interior do Congresso Nacional para continuar a pesquisa de campo durante a tramitação da denúncia de impeachment no

Congresso<sup>1</sup>. Quando o processo de impeachment começa a tramitar na Câmara dos Deputados eu já realizava pesquisa dentro do Congresso Nacional, acompanhando o trabalho das comissões temáticas na Câmara dos Deputados a fim de analisar a produção legislativa acerca da categoria jurídica mulher no legislativo brasileiro. Para tal eu acompanhava as reuniões das comissões e a dinâmica interna dos corredores do Anexo II na Câmara dos Deputados, local onde estão instalados os plenários das comissões. Por um lado eu sabia que durante o andamento do processo de impeachment eu teria dificuldade em acessar o interior da Câmara dos Deputados, o que, até aquele momento, eu pensava que poderia inviabilizar o trabalho de campo. Assim quando compro passagem aérea eu não sabia, ainda, que a data escolhida para maio coincidiria com a semana em que Rousseff seria afastada da presidência.

- 3 No entanto, eu já sabia que o contexto do impeachment afetaria, ainda que indiretamente, minha pesquisa. As Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados só tiveram suas eleições anuais na primeira semana de maio, o que atrasava as atividades normais das comissões e da própria Câmara dos Deputados<sup>2</sup>. Também em 5 de maio, na semana anterior de minha ida a Brasília, o Supremo Tribunal Federal (STF) afastaria Eduardo Cunha (PMDB-RJ) do mandato de presidência da Câmara. O STF teria acatado pedido de afastamento da Procuradoria Geral da União de dezembro do ano anterior. Consequentemente, assume como presidente interino da Câmara o deputado Waldir Maranhão (PP-MA). Na segunda-feira, dia da minha ida a Brasília, Maranhão, já como presidente da Câmara dos Deputados, anula as sessões da Câmara dos dias 15, 16 e 17 de abril de 2016, onde fora votada a abertura do processo de impeachment contra a presidenta. Tal manobra invalidaria a tramitação do processo no Senado, já que o mesmo deveria ser aprovado primeiro na Câmara para depois ser remetido ao Senado. O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), dá continuidade ao processo naquela Casa. Waldir Maranhão, na mesma noite, revoga sua própria decisão de anulação das sessões. Chego a Brasília em meio a essas notícias e a votação de abertura do processo de impeachment no Senado Federal.

4

## Entrar no Congresso

- 5 Terça-feira, 10 de maio de 2016. Acordo cedo e dirijo-me ao Congresso Nacional. Desço do ônibus na Esplanada dos Ministérios, em frente ao Palácio do Itamaraty, e me dirijo à entrada (de cartão postal) do Congresso pela chapelaria. Certamente não foi uma decisão acertada. Ao me dirigir caminhando ao Congresso sou barrada pela primeira vez por um policial que se encontra dentro do automóvel já na entrada do gramado do Congresso. Ele parecia descansar do sol e do pouco trabalho, visto que poucas pessoas transitavam por ali. Este lugar que até então eu só conhecia aberto estava todo cercado de grades.
- 6 O Palácio do Congresso Nacional, que corresponde ao edifício principal do legislativo, já que existem ramificações para ambos os lados do edifício principal compondo os demais prédios chamados de “Anexos”, estava completamente cercado por grades, impedindo que se caminhasse pelo gramado que cerca o edifício, caminho frequentemente utilizado por pedestres. E não apenas o Congresso se encontrava cercado, mas todo seu arredor. Além das grades existia um muro de 1 quilômetro de extensão que dividia a Esplanada dos Ministérios em duas metades. O muro, de chapas

de aço, que também estava cercado por grades, dividiria os manifestantes que se posicionariam naquela semana sobre o impeachment. A parte direita ficaria reservada a parte da população que apoiava o impedimento de Rousseff, manifestantes que vestiam “verde-amarelo”. O lado esquerdo ficaria reservado aos manifestantes trajando vermelho. Ali estavam movimentos sociais e indivíduos contrários ao impeachment.

- 7 No momento em que eu chegara ao Congresso, a Esplanada estava vazia. Eu, já que havia descido em frente ao Itamaraty, estava no que seria o lado direito, “verde-amarelo”. O policial me aborda perguntando onde estou indo, me avisa que está fechado ao público e que não vou entrar. Explico minha condição, que entrei em contato com a Câmara sobre minha liberação, mas havia parado de receber retorno sobre minha permissão no final da semana anterior. Dou a entender que era compreensível, afinal das mudanças na Casa (estou me referindo ao afastamento de Eduardo Cunha da presidência da Câmara). Ele (o policial) fala que posso tentar entrar, mas já avisa que não vou conseguir. Das entradas que conheci até agora, esta, certamente, é a menos propícia a pedestres, ainda que a mais bonita e imponente. A entrada da chapelaria fica invisível para quem passa em frente ao Congresso, pelas ruas que o circundam levando da Praça dos Três Poderes à Esplanada dos Ministérios. Ela fica atrás do grande espelho d’água, num patamar mais abaixo que o próprio espelho. Poderíamos dizer que esta entrada muito se assemelha a uma garagem. Na sua portaria, propriamente dita, ficam estacionados alguns carros, outros passageiros são ali deixados por taxistas ou motoristas, e algumas vagas são reservadas a alguns dos altos cargos do Congresso Nacional, todos políticos. Ela é também a única entrada que, ainda que em portas separadas, compreende tanto Câmara quando Senado, e que os visitantes, ainda que não possam ir de um a outro imediatamente, entram no mesmo ambiente. Talvez fosse ingênuo da minha parte achar que naquele dia, em meio a tantas grades e a um estranho silêncio para aquele local e aquela cidade, eu teria acesso livre.
- 8 Na chapelaria, novamente sou barrada por uma policial. Explico o que estou fazendo lá, que comprei passagens, que a secretaria da Câmara não me informou que não teria acesso quando fiz o contato. Ela me recomenda tentar acesso pelo Anexo II, mas que só teria acesso às Comissões – o que era, de fato, de meu interesse. A entrada do Anexo II, fica na rua paralela à Esplanada dos Ministérios, com entrada virada para a rua, ao lado do Anexo III e em frente do Anexo IV. Todos estes prédios são invisíveis na figura do Palácio do Congresso Nacional. Caminho e outra policial pergunta onde vou, explico e ela me direciona para o policial que está ao lado da entrada (ela estava na saída). Existia naquele dia mais agentes barrando as entradas do Congresso, o que me deixava preocupada em não ter acesso ao interior do Congresso, “perder a viagem” até Brasília. O policial me deixa entrar, mas me garante que não posso ir ao prédio principal “acesso apenas às Comissões”. Assim que ele libera minha entrada, que fica a poucos metros da portaria, eu caminho e os funcionários da Casa se dirigem a mim como se fosse outro dia qualquer. Pedem meu RG, tiram uma foto nova, eu passo minha bolsa no raio X, e passo pela porta de segurança. Recebo meu adesivo de visitante, amarelo, com o dia 10.
- 9 O Anexo II da Câmara dos Deputados é o local das Comissões. Ali, estão dispostos em um corredor com o teto mais baixo, mais escuro e longo, os plenários. Estes consistem nas 16 salas onde ocorrem as reuniões das Comissões. Frentes e partidos políticos também se utilizam dos plenários para realizarem reuniões. Naquela terça-feira poucas reuniões estavam acontecendo; de manhã apenas a CPI-CARF<sup>3</sup>, que eu não sabia o que era. Entrei e me acomodei no fundo do plenário, nas cadeiras dispostas sem bancada. Na

parte da tarde meu campo continua sem entusiasmo, e aparentemente sem nenhum rendimento para a pesquisa. Eu acompanhei a CPI Funai-Incra, em um daqueles dias de críticas a laudos de antropólogos. Era uma audiência pública, mais movimentada que aquela da manhã, mas ainda assim com pouca movimentação se pensarmos que aquela era uma terça-feira<sup>4</sup> no corredor das comissões do Anexo II da Câmara dos Deputados. Meu dia continua sem muito entusiasmo, ainda que sentisse que todo o país olhava para o Congresso Nacional no mesmo momento em que eu me encontrava ali dentro. Enquanto os debates começavam a acontecer no Senado Federal, eu apenas conseguia perceber parlamentares mais eufóricos, citando em suas falas nas Comissões a votação que aconteceria no dia seguinte, e um fluxo grande de pessoas saindo do Anexo II em direção ao prédio principal. Eu, no entanto, continuava ali, até que todas as reuniões foram encerradas naquela terça-feira colocando fim ao meu expediente do dia.

## Do Congresso para as ruas

- 10 Quarta-feira, 11 de maio de 2016. Nesta manhã, ao me dirigir ao Anexo II, já estava apreensiva: se tive dificuldade em ter acesso à Câmara na terça-feira, no dia da votação no Senado certamente seria pior. Toda a Esplanada dos Ministérios estava fechada. Para carros e ônibus. Para chegar ao Congresso era preciso caminhar desde a rodoviária. Porém eu estava enganada. Dirigi-me à Câmara já pelo Anexo II e minha entrada foi permitida assim que respondi que iria à “Comissão de Seguridade Social e Família”. Era um dia importante para mim. As principais comissões se reuniam na quarta-feira, como a de Seguridade Social e Família, e de Constituição e Justiça, a de Direitos da Mulher, de Direitos da Pessoa Idosa, de Direitos Humanos e de Direitos da Pessoa Deficiente.
- 11 Aparentemente tudo acontecia normalmente. A Comissão de Seguridade Social e Família, que acontecia pela manhã, ocorreu normalmente, apesar do atraso para começar<sup>5</sup>. Naquele momento, eu ainda não sabia exatamente o que era normal e o que não era, ou como a votação no Senado mudaria a dinâmica daquelas Comissões. Era possível perceber conversas em corredores. Algumas pessoas mais tensas, outras entusiastas. Mas nada que de fato apontasse uma mudança na forma como a rotina da Câmara acontecia no Anexo II.
- 12 Naquela tarde eu me dirigi à Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, recém-criada, e que imaginava ser um bom local para me inserir. Outro engano. A reunião estava marcada para 14h30, porém às 15h17 ainda permanecia sem quórum. Cada Comissão possui um número de membros e um número de quórum mínimo para ser iniciada. O quórum é computado no registro da lista de presença, que é feito apenas pelos parlamentares, num display digital sempre na entrada de cada plenário. Após confirmar presença, o parlamentar pode sair do plenário, o que geralmente acontece. Alguns retornam quando é atingido o quórum e a reunião se inicia. Ao meu lado dois homens conversam entre si sobre a falta de pauta da Comissão. Aquela era uma Comissão recente, recém-criada, e eu não saberia a dinâmica de comissões mais antigas, já que eu as acompanhava apenas pelos registros delas<sup>6</sup>. Às 15h39 a reunião começa, com o quórum marcando 11 deputados e três ou quatro, de fato, presentes. A presidente da Comissão inicia a reunião encerrando-a. Chama reunião para a próxima semana e finaliza "se nenhum deputado quer se pronunciar, encerro a sessão".

- 13 Um pouco frustrada, caminho para fora do Congresso Nacional. Se entrar na Câmara foi fácil, sair pela Esplanada dos Ministérios já não era possível, nem mesmo caminhando. A votação estava para começar no Senado. Eu, assim como vários funcionários da Câmara dos Deputados, tentara ir pela Esplanada, por uma escada que dá acesso da lateral do Anexo II à lateral do Congresso Nacional, entre a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes. Já não era possível fazer este caminho. Era necessário andar toda a rua paralela, até aproximadamente a Catedral, para voltar para a Esplanada. Já no trajeto, havia muita polícia. Eu atinjo a Esplanada pelo lado verde-amarelo, e caminho entre ambulantes e pessoas voltando a pé do trabalho, todos no sentido rodoviária. Aqueles que saíam do trabalho vinham da Praça dos Três Poderes, Câmara, STF e Ministérios que ficam do lado direito. Era impossível ver como estava o outro lado devido ao muro separador.
- 14 Eu tinha decidido caminhar em direção à torre de TV e esperar as mulheres que vinham da Conferência Nacional de Política para as Mulheres, que se realizava naquela mesma semana em Brasília. As mulheres da Conferência decidiram sair em marcha para o Congresso contrárias ao impeachment. Eu tinha uma amiga lá, que me avisou a hora que elas estavam saindo rumo ao Congresso Nacional. Esperei no caminho. Ali, parada no parapeito após a torre de TV, já no lado esquerdo, começo a ser parada por jornalistas de mídias independentes. Pelos jornalistas eu começo a ser tomada como manifestante, ainda que eu vestisse uma calça preta e uma camisa branca, intencionalmente evitando vestir vermelho ou amarelo. Eu achava que trajar essas cores poderia complicar minha entrada na Câmara dos Deputados. Nessa espera, carros começavam a buzinar para pessoas com bandeiras vermelhas ou do Partido dos Trabalhadores (PT) que passavam por mim ou se apoiavam no parapeito para descansar ou esperar. Nesse momento o trânsito nos “eixos”<sup>7</sup> começa a se intensificar. Foi quando conheci Rosa<sup>8</sup> que, diferente de mim, aceitou dar um depoimento para um dos jornalistas. Rosa, uma brasiliense, empresária, de cerca de 55 anos, balançava duas bandeiras vermelhas da última candidatura à presidência de Rousseff, uma em cada braço. Ironicamente, as bandeiras continham o nome do candidato à vice-presidência Michel Temer, que apoiava o impeachment. Fato que, durante a espera virou motivo de piada entre as pessoas que passavam ou se reuniam a nós. Alguns tentaram riscar seu nome, tudo em tom amigável com Rosa.
- 15 Após cerca de 1 hora de espera começaram a chegar os manifestantes organizados. Vieram milhares de pessoas. Todos puxados por movimentos sociais, cantando, empunhando bandeiras, faixas e cartazes. Denunciavam o golpe contra Rousseff, contra a democracia. Até que chegaram as mulheres, estas munidas de mais cartazes, faixas, camisetas. “Fica Dilma” dizia uma grande faixa confeccionada com recortes de chita. Elas eram muitas. Estávamos num dia de maioria de mulheres protestando, no dia de votar contra a única presidenta mulher que o país já teve. Jovens, estudantes, profissionais, idosas. Algumas com crianças pequenas. Junto com as mulheres eu começo a caminhar para o Congresso pelo lado esquerdo e vermelho. Muito vermelho. Eu, sem perceber quando, já carregava uma das bandeiras de Rosa, e gritava junto com as mulheres “fica Dilma”.
- 16 Na altura da rodoviária, paramos. Éramos muitas, mas não tantas assim para parar o fluxo, pensei. Estávamos pouco antes do início da Esplanada. A polícia, e ali eu já não sabia dizer de qual polícia eu estaria falando<sup>9</sup>, tinha fechado o acesso à Esplanada. Paravam e revistavam, um a um. Não podíamos entrar com haste para as bandeiras.

Rosa e eu tivemos a haste retirada das bandeiras e continuamos com o tecido. Havia muita, muita polícia. Caminhamos juntas, mas agora entre poucas mulheres que se espalhavam pela Esplanada inteira. As mulheres eram liberadas lentamente, uma a uma, o que dispersava aquela bonita união vista antes da revista. Algumas corriam quando passavam pelos policiais. Queriam chegar logo, queriam aquela união, aquele ânimo, as músicas. Mais próximo ao Congresso Nacional, ainda que muito longe dele, estava um carro de som; caminhamos naquela direção. Conforme nos aproximamos percebemos que ali havia um telão, onde seria possível acompanhar os votos no Senado. Pessoas proferiam falas no carro de som enquanto aguardávamos o início da votação. Em algum tempo algumas mulheres se reuniram entre o carro de som e o Congresso Nacional, algumas dançavam ciranda.

- 17 Quando eu estava ali, próxima à ciranda, sentada no chão para descansar junto com Rosa, percebo o primeiro tumulto. A votação tinha se iniciado fazia pouco tempo. Várias mulheres corriam no sentido contrário ao Congresso, elas começavam a passar por nós. Na minha frente uma senhora, aparentando 60 e poucos anos, cai sem ar. Algumas pessoas começam a socorrê-la. Olho pra trás e vejo fumaça. Rosa me pega pelo braço e fala “corre, gás”. Começo a correr entre pessoas caídas e vomitando. Algumas sendo carregadas. De todas as idades. No calor da emoção em correr, em não respirar aquele gás, eu ia, parava pra segurar alguém que parecia cair, e continuava. Parei, sem força, sem ar. Andei mais até o próximo ambulante que vendia água. Alguém, que andava fugindo do gás, falou “piora, não toma”. Eu não conseguia falar. Sentei na sarjeta, longe do Congresso. Devia estar no meio da esplanada, eu estava confusa. Esperei e não vi minha companheira outra vez. Nos perdemos no tumulto, tentando nos proteger dos gases, e ajudar outras pessoas. Sentada, tentando recuperar o fôlego eu esperei um pouco. A maioria das mulheres havia se dispersado. Muitas caminhavam na direção contrária ao Congresso Nacional. Agora eu estava muito longe do telão para saber o que acontecia lá dentro. Decidi ir embora, ainda que a votação no Senado mal tivesse começado. Caminhei de volta toda a esplanada, e então pelo “eixinho” onde consegui uma carona com outra mulher que tentava chegar a algum lugar vindo do Congresso.

## O pós-impeachment, fora e de dentro do Congresso Nacional

- 18 Quinta-feira, 12 de maio de 2016. Acordei naquela manhã com o gosto do gás na boca. Dilma Rousseff tinha sido afastada da presidência, aguardando o processo que agora iria para o Supremo Tribunal Federal. Na cidade o trânsito ainda não estava reestabelecido. De manhã as Asas<sup>10</sup> estavam paradas. Pessoas andavam em direção ao trabalho, desciam dos ônibus e caminhavam. No meio dos carros. Buzinas. Toda a Esplanada fechada. Caminhei por ela, pelo lado direito observando a movimentação de funcionários na porta do Ministério da Saúde. Eles pareciam querer organizar algo. Eram contra o impeachment e ironicamente estavam do lado direito da Esplanada. Lá avistei, bem próximo ao Congresso duas “verde-amarelas”, elas brigavam com alguns policiais que não permitiam que elas se dirigissem à Praça dos Três Poderes. Mesmo percurso que eu deveria fazer para descer a escada que dava acesso ao Anexo II da Câmara dos Deputados. À minha frente uma garota, mais jovem que eu, aparentando cerca de 19 anos, para com os policiais. Eles perguntam o que ela vai fazer e, vendo que ela porta

um crachá, liberam a passagem. Chega minha vez, e as duas senhoras continuam esbravejando “você deixam os vermelhos passarem”. Ele pergunta o que vou fazer e onde vou e respondo novamente sobre a pesquisa, na Câmara, que estou acompanhando comissões. Ele me diz que não pode liberar acesso sem crachá. Respondo que estou como visitante, que entrei todos os dias. Não posso passar. Era a primeira vez que este acesso se encontrava fechado pela manhã. Pergunto se eu teria acesso pela rua de baixo, se contornasse os ministérios e descesse para a rua paralela, que dá acesso aos Anexos II, III e IV. As duas mulheres continuam falando ao mesmo tempo que eu. Eles não sabem responder. Fico em dúvida se minha pergunta era muito confusa, ou se eles não conheciam Brasília tão bem, ou menos que eu. Caminho, retorno e dou uma volta para sair na rua do Anexo II, paralela à Esplanada. Dirijo-me à entrada do Anexo II, e novamente não tenho problema ao entrar.

- 19 Poucas Comissões estão com reuniões previstas na agenda. Vou à CPI da Barragem de Mariana. Quando entro no corredor principal dos Plenários das Comissões ouço uma, vejo alguns senhores engravatados saindo pela porta. Eles pareciam satisfeitos, rindo e dando tapinhas nas costas dos outros enquanto caminhavam sentido Anexo I. Aquele era um dia incomum. No Plenário que deveria ocorrer a reunião da CPI de Mariana, cerca de 8 pessoas e nenhuma presença de deputado é ainda registrada. Conforme as horas passam, e outras pessoas entram e saem, 3 deputados marcam presença, mas nenhum permanece no plenário. Já são 11h35, é visível a inquietação dos presentes, que se preocupam mais em acompanhar as notícias. Dilma está discursando naquele momento no Palácio do Planalto. As pessoas ali presentes acompanham com seus celulares, tablets ou computadores e pouco falam umas com as outras. Em geral, nos momentos de espera como esse em Comissões os presentes conversam entre si, sobre aquela Comissão, outras que estão acompanhando, proposições que redigiram e foram aprovadas. Não naquele dia, os presentes estão mais interessados com o que acontece lá fora, na Praça dos Três Poderes.
- 20 Percebendo que nada mais aconteceria no Anexo II, eu saio e me dirijo ao Palácio do Planalto. Vi pelo celular que Dilma estava fora do Palácio do Planalto, e falava agora para as pessoas que ali se encontravam. O ex-presidente Lula (PT), e alguns deputados e senadores estavam com ela. Caminho da saída do Anexo II ao Palácio do Planalto, por ali o acesso estava liberado. Percebo que o lado esquerdo, vermelho, permitia acesso à Praça dos Três Poderes. Em frente ao Palácio do Planalto algumas pessoas e muitas, muitas câmeras. Era pouco mais de meio-dia, e o sol estava muito forte. Entre as pessoas que viam a movimentação de pessoas no Palácio do Planalto, esperando por Rousseff, várias falavam outros idiomas. Com tantas câmeras eu não consigo me aproximar e ver Dilma. Ela cumprimenta aqueles que estão nas grades, mais próximos. O clima ali é de tristeza, pessoas chorando, se abraçando. Eu, que estava cansada, tendo dormido pouco e mal me alimentado recebo sorrisos e abraços de pessoas que ali se encontravam e julgavam pela minha expressão que eu estava com elas. Dilma contorna o Palácio do Planalto em frente às câmeras e público. Ela é acompanhada por outras figuras públicas, como deputados e senadores. O público e as câmeras também a acompanham, impedindo que eu a visse. Mais atrás, e pelas frestas que as câmeras deixaram ao acompanhar Dilma, vejo o ex-presidente Lula, que continua cumprimentando os presentes nas grades de proteção. Nesse momento, entre as atenções que quase se dividiam entre tentar ver Dilma e ver Lula, ela entra no carro que a aguardava na lateral do Palácio do Planalto. Dilma Rousseff é afastada da presidência



da República para aguardar o julgamento do processo de impeachment que meses depois concluiria que ela seria culpada, e perderia seu mandato.

## Algumas Considerações

- 21 Este relato de campo demonstrou mudanças em questão de acesso ao interior do Congresso Nacional durante a votação do processo de impeachment de Dilma Rousseff no Senado Federal. A princípio percebo como eventos políticos alteravam o acesso ao interior do legislativo brasileiro, incluindo a Casa em que o processo de impeachment já havia tramitado. Além desta alteração, começo a perceber que durante o dia de votação do processo de impeachment no Senado Federal, e o dia que anterior e posterior a ele, o acesso ao interior da Câmara dos Deputados é alterado, diariamente, o que reflete em constantes adaptações da pesquisadora para se inserir naquele local e acompanhar o processo legislativo. No entanto, ainda que o Anexo II da Câmara dos Deputados estivesse aberto ao público nos dias citados, percebemos como o processo legislativo, visto através de reuniões, suas negociações, decisões, e mesmo a atenção de políticos, funcionários e imprensa se volta para outros locais, fossem estes o Senado Federal, as ruas em manifestação ou o Palácio do Planalto. Longe de esboçar conclusões, o artigo demonstrou através das cenas apresentadas alterações durante os três dias entre a votação do processo de impeachment no Senado Federal, na dinâmica de acesso do Congresso Nacional, nos locais onde a pesquisadora se posicionava, e nos espaços em que o processo legislativo acontecia de fato.
- 

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luiz Eduardo de Lacerda. 2000. Os labirintos do minotauro: Política, troca e linguagem. Tese de Doutorado, Brasília, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

LEITE, Maria Stello. 2016. "Amar sem Temer nas ruas de São Paulo", Ponto Urbe [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 Julho 2016, consultado em 08 Dezembro 2017. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3132>

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. 2016. "Luzes antropológicas ao obscurantismo: uma agenda de pesquisa sobre o "Brasil profundo" em tempos de crise." Revista de@ ntropologia da UFSCar v.8 n.2. p. 21-28.

## NOTAS

1. Pesquisa de doutorado com financiamento FAPESP.
2. A eleição da presidência das Comissões temáticas é a primeira atividade das comissões para iniciar os trabalhos de casa no ano legislativo. Em geral, elas ocorrem em março. Em 2016, acontecem em maio.

3. Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar pagamentos de propinas por parte de bancos e grandes empresas para o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (CARF).
  4. As atividades das Comissões acontecem entre terça e quinta na Câmara dos Deputados, dias de “casa cheia”.
  5. Depois fui perceber que atrasos são comuns para início de reuniões agendadas no Anexo II da Câmara dos Deputados.
  6. Parte da pesquisa de doutorado foi feita através de documentos e registros dos trâmites legislativos.
  7. Eixos são as grandes vias que atravessam as asas, norte e sul, do plano piloto de Brasília. “Eixinhos” são vias paralelas a essas, mas menores.
  8. Nome fictício.
  9. Dentro da Câmara dos Deputados os oficiais presentes são da Polícia Legislativa.
  10. As asas cortam o eixo central do plano piloto de Brasília, o corpo do avião. Nas asas ficam os blocos residenciais e comerciais, sendo assim o fluxo durante a manhã, principalmente de funcionários públicos para os Ministérios e Praça dos Três Poderes é asas sentido Esplanada dos Ministérios.
- 

AUTOR

**BRUNA POTECHI**

Doutorado em Antropologia Social PPGAS - UFSCar